

Resumo do texto: O desenvolvimento do conceito de civilté - da obra “O Processo Civilizador” de Norbert Elias.

Renato Z. Barrionuevo

O autor inicia o texto em estudo com a discussão do desenvolvimento do conceito de civilté, que se propaga no mundo Ocidental a partir da Idade Média. De fato, Norbert Elias propõe uma profunda reflexão sobre as mudanças do período medieval aos nossos dias. Na Idade Média, a violência e agressividade eram aceitas socialmente, as guerras violentas para defesa de território eram muito comuns e manifestações de crueldade contra um oponente eram consideradas parte corriqueira da realidade humana. A própria Igreja Católica encorajava esta violência. O cristianismo católico da época se afasta muito daquele que conhecemos hoje, na medida em que uma de suas marcas foi incitar a guerra e o combate pela cruz.

A emergência da ideia de civilidade constituiu expressão e símbolo de uma transformação social, envolvendo diversas nacionalidades do Ocidente. O sentido e função específica deste termo teria sido cunhado por Erasmo de Rotterdam no século XVI, com a obra “Da Civilidade em Crianças” que obteve imensa circulação e diversas traduções, um tratado sobre a arte de educar crianças e jovens. Sua repercussão chama a atenção para o período de mudanças e concretização de processos sociais e da identidade da sociedade européia.

Essa obra de Erasmo tratou do que se convencionou ser o adequado comportamento de pessoas em sociedade, sobretudo do “decoro corporal externo”, composta de reflexões simples em linguagem clara e polida, ao mesmo tempo com grande seriedade e repleta de ironias. Algumas dessas características de comportamento se assemelham muito ao que vivenciamos atualmente e outras deixaram de ser praticadas, chegando a causar grande estranheza nos dias de hoje. Trata do olhar, postura, gestos, vestuário, expressões faciais, traduzindo o comportamento externo como manifestação do homem interior.

Segundo Elias, Erasmo descreve, com muitos detalhes e bastante cuidado, toda a faixa de conduta humana, contemplando as principais situações da vida social e de convívio. Com a mesma naturalidade, trata das questões mais elementares e sutis das relações humanas, tais como: da cultura corporal, de boas maneiras nos lugares sagrados, de como se portar à mesa, em reuniões, nos divertimentos e no quarto de dormir. Muitas das descrições, dado o nível de franqueza com que são abordadas, podem aparentar indelicadas para os padrões atuais.

Norbert Elias destaca essas diferenças e transformações de conceitos através dos quais diferentes sociedades procuraram se expressar. Rastreando essas mudanças, depara-se com sintomas do processo civilizador que podem indicar como e por que a sociedade ocidental moveu-se realmente de um padrão para outro, como ela foi “civilizada”. Ressalta que, nesse processo de estudo, um sentimento de desconforto e embaraço normalmente é despertado nas pessoas e aconselha que se procure suspender momentaneamente todos os juízos de valor e críticas associadas aos conceitos de “civilizado” e “incivil”, por não constituírem uma antítese do tipo existente entre o “bem” e o “mal”, e sim representarem fases de um desenvolvimento que continua em processo de transformação ainda hoje.

Em seguida, Elias aborda a estrutura emocional do homem e sua característica de totalidade, frente aos impulsos e manifestações emocionais diversos e por vezes contraditórios, representando uma somatória de partes de um organismo único, e mais

especificamente trata neste capítulo da agressividade do ser humano. Destaca que essa agressividade, como todos os demais instintos, é condicionada. Exemplifica com as atuais ações militares que, pelo estado adiantado da divisão de funções, e pelo consequente aumento da dependência entre os indivíduos diante do aparato técnico bélico, não possui a mesma liberação desinibida de emoções em batalha, tal como já houve no período da Idade Média.

Acrescenta que na sociedade medieval, a pilhagem, a guerra, a caça de animais e homens era comum, e representava, aos fortes e poderosos, parte dos prazeres da vida. Manifestações de crueldade contra o oponente, ou mesmo em relação a pessoas inocentes e indefesas, que hoje seriam consideradas explosões emocionais decorrentes de degeneração “patológica”, possuíam naquela época um significado mais banal e eram socialmente permitidas. Não havia poder social punitivo em razão do caráter descentralizado do mundo medieval, o que criava ambiente favorável a um estilo de vida agressivo, que só apresentará mudanças com o surgimento do Estado centralizado absolutista. Portanto, na Idade Média, a única ameaça ou perigo a ser temido era o de ser derrotado em batalha por um adversário mais forte. O guerreiro medieval não só amava a guerra, vivia dela. Passava a juventude se preparando para o que considerava uma alegre empresa, trazendo sentido para sua existência. As emoções instintivas eram afloradas no campo de batalha no ímpeto de triunfar sobre o inimigo, o que certamente deixava em último plano uma meditação sobre a morte.

Neste ponto, convém abrir parênteses para tratar das atitudes instintivas. Norbert Elias sugere que os instintos são condicionados, as vontades das pessoas sendo em grande medida reprimidas. Em cada período de tempo e em cada sociedade, forma-se um padrão de comportamento baseado na cultura, divisão de classes, religião, etc.

O instinto por definição é um impulso natural, algo incontrolável. Na medida em que a sociedade se desenvolve e na medida em que os seres humanos passam a depender mais uns dos outros, enquanto seres sociais e culturais, com alta capacidade de pensamento e linguagem, há um maior controle dos instintos, o que diferencia, por exemplo, um ser humano de algum outro animal selvagem, cujo comportamento é ditado por seus instintos e não por regras impostas “socialmente”.

Fechando estes parênteses, convém agora salientar que Norbert Elias pondera que, para parte do clero, a maneira como se levava a vida era inteiramente diferente, determinada pela meditação da morte e do que vem depois, no outro mundo. Já os cavaleiros se julgavam cristãos autênticos e o cristianismo estava ligado em sua mente, conforme diferentes situações social e psicológica, a uma outra escala de valores, diferente da que existia para os religiosos que liam e escreviam livros. Essa escala de valores dos cavaleiros não os impedia de saborear plenamente as alegrias do mundo, nem de pilhar e matar. Era parte de sua função social, motivo de orgulho.

Elias menciona que, na sociedade medieval, essa permanente disposição de lutar era vital não somente para os guerreiros. A vida dos burgueses nas cidades caracterizava-se por muitas rixas entre famílias, algumas mais graves outras menos. O prazer de atormentar os demais era mais desinibido do que em fases posteriores de nosso desenvolvimento. Ocorria também entre artesãos, pastores e gente de todas as classes. A estrutura emocional da época era diferente da nossa atual, havia uma existência sem segurança e com o mínimo de pensamento sobre o futuro. Elias afirma que é a estrutura da sociedade que gera um padrão específico de controle emocional, o nosso padrão atual se sustentando em um poder central exercido pelo Estado.

O sociólogo alemão ressalta que essas emoções têm hoje, em forma refinada e racionalizada, seu lugar definido na vida cotidiana da sociedade civilizada. A beligerância e a agressão encontram expressão socialmente permitida nos jogos esportivos, com um pequeno número de combatentes a quem é concedida uma liberdade moderada e precisamente regulamentada para a liberação dessas emoções. Essa transformação da agressividade em um prazer passivo e mais controlado de somente assistir e observar já é iniciada desde a educação e nas regras de condicionamento dos jovens. Esta forma de comportamento mais estável e moderada se associa notadamente com a monopolização da força física no âmbito do Estado. Pouco a pouco, esta monopolização propiciou espaços sociais cada vez mais pacificados nos quais não há necessidade da violência para resolver controvérsias. O sentido associado à agressividade revela esta mudança no mundo contemporâneo. O termo em grande medida se associa cada vez menos a uma agressão física, como é o caso da agressividade observada no mercado financeiro, com a valorização de atitude individual ambiciosa e arriscada, capaz de muita ousadia (sem violência física) para se alcançar um objetivo. Convém mesmo citar aquilo que, nos jargões econômicas, foi importado de termos militares, o “hostile take over” (“assuma sua hostilidade”, como abutres do mercado).

Por fim, Elias destaca que resta estudar em mais detalhes quais mudanças na estrutura social desencadearam os mecanismos psicológicos que modificaram nossa personalidade, quais mudanças nas compulsões externas puseram em movimento essa civilização de nossas emoções e nosso comportamento.